



PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Tuesday 3 May 2005 (morning)

Mardi 3 mai 2005 (matin)

Martes 3 de mayo de 2005 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A ou a Secção B

SECÇÃO A

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 1 (a)

Fui então para Londres e trabalhei como nunca. Não dava tempo para escrever. Em 1952, alguns idiotas denunciaram a mim e a outros diplomatas como militantes comunistas. Fomos afastados do serviço diplomático e eu voltei ao Recife por quase dois anos. Fui trabalhar no escritório do meu pai e tentar sustentar a família enquanto processava o governo. Aí cruzei com
5 Maria Clara Machado, filha do meu bom amigo mineiro Aníbal Machado. Ela me encomendou um Auto de Natal para encenar. Escrevi *Morte e Vida Severina*. Ela leu e devolveu. Disse que não servia. Como o poema era grande e José Olympio queria lançar minha primeira antologia, cortei as marcações para teatro e incluí *Morte e Vida Severina* no livro, para dar volume. Foi uma surpresa quando encontrei Vinicius de Moraes no Rio e ele me disse: “Joãozinho, estou
10 maravilhado com *Morte e Vida Severina*”. Aí eu não entendi nada. “Vinicius eu não escrevi *Morte e Vida Severina* para intelectuais como você”. Respondi. “Eu escrevi para os sujeitos analfabetos que ouvem cordel na feira de Santo Amaro, no Recife.”

O poema é simples retrata a típica realidade do pernambucano¹ que foge da seca em busca do Recife e termina morando numa favela ribeirinha. Foi um sucesso mundial. Isso me orgulha, mas
15 também me surpreende porque *Morte e Vida Severina* passou a ser coisa de eruditos. O que me chateou muito também a respeito do sucesso mundial de *Morte e Vida Severina* foi que a burrice nacional brasileira começou a fazer inferências políticas. Muita gente queria que depois de cada espetáculo eu subisse ao palco e gritasse “Viva a Reforma Agrária”. Recusei-me a fazer isso. Não faço teorias para consertar o Brasil. Eu mostrei a miséria que havia no Nordeste. Cabia aos
20 políticos cumprirem seu papel.

João Cabral de Melo Neto, *entrevista*, (1991) Brasil

¹ pernambucano – natural de Pernambuco, estado do Brasil

Texto 1 (b)

28 de Julho 1996

E a Reforma Agrária, a reforma da terra brasileira aproveitável, em laboriosa e acidentada
gestação, alternando as esperanças e os desânimos, desde que a Constituição de 1946, na sequência
do movimento de redemocratização que varreu o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial,
acolheu o preceito do interesse social como fundamento para a desapropriação de terras? Em
5 que ponto se encontra hoje essa maravilha humanitária que haveria de assombrar o mundo, essa
obra de taumaturgos¹ tantas vezes prometida, essa bandeira de eleições, essa negação de votos, esse
engano de desesperados? Sem ir mais longe que as quatro últimas presidências da República, será
suficiente recordar que o presidente Fernando Collor de Melo fez promessa de assentar² 500 mil
famílias, e nem uma só o foi; será suficiente lembrar que o presidente Itamar Franco garantiu
10 que faria assentar 100 mil famílias, e se ficou por 20 mil; será suficiente dizer, enfim, que o
actual Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso estabeleceu que a Reforma Agrária
irá contemplar 280 mil famílias em quatro anos, o que significará, se tão modesto objectivo
for cumprido e o mesmo programa se repetir no futuro, que irão ser necessários, segundo uma
operação aritmética elementar, setenta anos para instalar os quase cinco milhões de famílias de
15 trabalhadores rurais que precisam de terra e não a têm, terra que para eles é condição de vida, vida
que já não poderá esperar mais.

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote II, Diário IV*, (1999) Portugal

¹ taumaturgo – visionário, que opera milagre

² assentar – dar posse legal de terra a um trabalhador rural que a não possui

- Refira as principais diferenças e semelhanças no tom utilizado pelos autores.
- Em que medida o texto 1(a) é mais intimista do que o texto 2(a)?
- Comente a importância das referências a outras obras literárias, presentes no texto 1(a).

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 2 (a)

Veio antes da minha filha nascer. Mas não teve ciúmes dela, recebeu-a como um novo membro da família. Porque era assim que ele se sentia, membro da família, cão como nós. Se para ele a minha mulher era mãe, os filhos eram irmãos. Valha a verdade que era assim que os rapazes o viam: como um irmão. Muito mais tarde, quando o Kurika teve o primeiro ataque, Afonso, o

5 filho do meio, com ele ao colo, dir-me-ia:

– É um irmão.

A relação mais complicada era comigo. Não só entre mim e o cão, mas entre mim e a família por causa do cão. Nunca me olhou como pai, nem eu lho consentiria. Cão é cão. E só muito a custo se foi resignando a aceitar-me como dono. Talvez porque eu o fizesse sentir mais cão do que ele gostaria de ser, o seu comportamento em relação a mim foi, durante muito tempo contraditório, oscilava entre a submissão e a revolta, a fidelidade e a independência, entre cão e não cão. Eu também não estava disposto a abdicar e, assim, na sua relação comigo, prevaleceu sempre o seu destino de cão. É certo que, às vezes, me rosnava. Mas um cão não rosna ao dono, mesmo que se trate de um cão com mania que o não é. Por isso tinha que o meter na ordem. O que às vezes

10 fazia, confesso, com algum prazer, revoltado com as liberdades que ele se permitia com o resto da família. Então era preciso repor a hierarquia, eu era o dono, ele era o cão, eu levantava a mão e ele agachava-se:

– Fica!

E ele ficava mesmo, nem que tivesse que o empurrar para baixo até ele se deitar. Era um cão

20 rebelde, teimoso, de certo modo subversivo. Às vezes insuportável.

– Como nós, diriam depois os meus filhos.

Manuel Alegre, *Cão como nós*, (2002) Portugal

Texto 2 (b)**Brinquedo esperto. Animais eletrônicos com softwares embutidos contam histórias, tiram fotos e andam de moto.**

Os animais domésticos da nova geração não fazem sujeira pela casa nem incomodam os vizinhos. Reconhecem a voz do dono e são capazes de obedecer às mais esdrúxulas ordens – falar, contar histórias, tirar fotografias, ler *e-mails*. Fabricado pela Sony, o cachorro Aibo, o mais avançado espécime dessa fauna eletrônica, reage a estímulos. Se ignorado entra em estado de letargia. Quando instigado, torna-se ativo. O comportamento é moldado por meio de *softwares*, que podem ser comprados separadamente. Na Comdex, feira de tecnologia encerrada há duas semanas, em Las Vegas, foram apresentados os programas que permitem ao cão-robô dançar e andar de motocicleta.

Existem *softwares* bastante específicos – um deles divide a evolução do cachorro nas fases de bebê, criança, adolescente e adulto. No ano passado, um *hacker*¹ violou a memória central do cachorro eletrônico e divulgou programas alternativos na *internet*. O caso foi parar na justiça e a página foi retirada do ar. Os *hackers*, porém, continuam criando programas para o cão-robô. O animal está disponível em três modelos. Com formas arredondadas e voltado para o público feminino, o LM tem duas versões, uma programada para ser meiga, a outra mais travessa.

Nos últimos dois anos foram vendidos mais de 100 mil Aibos. Os *smart toys* – na tradução, brinquedos inteligentes – tornaram-se uma febre no mundo inteiro. Fazem sucesso principalmente no Japão, onde o espaço é escasso. Devido ao preço, de US\$ 1.500, o Aibo não é vendido no Brasil, mas similares mais acessíveis estão disponíveis. Capaz de demonstrar emoções pelas expressões faciais, o mago Yano, fabricado no Brasil pela Gemini, conta histórias e a criança escolhe o que acontecerá a seguir. O boneco custa em torno de R\$ 250. Feito na China o Aracnóide corre, levanta e abaixa quando encontra o inimigo. É movido por controle remoto e seu preço é de R\$ 200. Brinquedos inteligentes seduzem as crianças mas dividem os educadores. “Mesmo com tantos recursos, esses produtos respondem a estímulos de maneira previsível e não desenvolvem a criatividade.”

Ivan Padilla, *Época*, (2002) Brasil

¹ hacker – pessoa que entra, ilegalmente, em sistemas de computador

- Indique as diferenças de estilo que encontra nos dois textos.
- Compare os diferentes objectivos dos dois textos apresentados.
- Analise as diferenças e semelhanças que encontra no ponto de vista dos narradores.